

IV Domingo da Páscoa (26/04/2026)

Neste domingo, são-nos colocadas diante dos olhos do coração duas imagens sublimes, intimamente interligadas, para contemplarmos o mistério de quem é Jesus: o Bom Pastor e a Porta.

Cristo, o Senhor, é o Pastor verdadeiro que vela por suas ovelhas; Aquele que as conhece pelo nome, que as reúne quando se dispersam, que as conduz com firmeza e ternura. Sob sua guia, encontram descanso em prados verdejantes e águas tranquilas, pois n'Ele não há engano nem abandono.

Dizer que Cristo é o Bom Pastor é confessar que Ele cuida de nós com amor fiel, que nos guarda dos perigos visíveis e invisíveis, que caminha à nossa frente e jamais nos deixa à deriva. Seu cuidado é tão pleno que não hesita em entregar a própria vida pelas ovelhas, selando na cruz a aliança do seu amor. Por isso, Cristo merece a nossa total confiança e entrega.

E quando Ele se revela como a Porta, anuncia-nos um mistério também bem profundo: por Ele entramos no caminho da vida e por Ele somos salvos. Ele é o abrigo que protege contra o mal e, ao mesmo tempo, o caminho que nos introduz na vida verdadeira. Quem passa por esta Porta encontra abrigo, liberdade e plenitude.

Assim, Jesus Cristo é, ao mesmo tempo, o Pastor que chama pelo nome e a Porta que se abre em silêncio — origem e senda, abrigo e horizonte — conduzindo-nos, com ternura paciente, pelos caminhos do tempo até à vida que não conhece ocaso.

Nessas imagens, como em reflexos de luz sobre a água, deixa-se entrever o mistério profundo do Salvador e Redentor: Aquele que, fazendo-Se carne, entrando na noite da morte e rompendo-a na aurora da ressurreição, venceu o peso do mal e desfez as cadeias do pecado.

Por isso, o coração já não precisa tremer diante da sombra, pois Deus caminha conosco e guarda-nos nas suas mãos — mãos que sustentam, que levantam, que não deixam cair.

E, ao abrir-nos à eternidade, Cristo não nos oferece apenas um amanhã distante, mas faz brotar em nós, desde já, a vida sem fim — uma salvação plena, última e irrevogável, como um amanhecer que jamais se extingue.

E Cristo, para permanecer no meio de nós como o Bom Pastor e como Porta e continuar a cuidar do seu rebanho de modo real e sensível, não nos deixou órfãos no caminho. Ele chama alguns para junto de Si e envia-os ao meio do povo, para que neles resplandeça a sua própria imagem.

Assim como o Pai O enviou, também Ele envia; e aos que chama, associa de tal modo ao seu mistério que já não são apenas homens que agem, mas sinais vivos

d'Aquele que neles opera. Seus gestos tornam-se gestos de Cristo, sua voz ecoa a voz do Pastor, suas mãos prolongam o cuidado d'Aquele que conhece e ama cada ovelha.

De modo sacramental, os escolhidos são constituídos imagem do Bom Pastor, não por mérito próprio, mas por graça que os envolve, para que, através deles, o próprio Cristo conduza, alimente e guarde o seu povo. E assim, no meio da Igreja peregrina, o Pastor eterno continua a passar, a chamar, a curar e a dar a vida, até que todo o rebanho seja reunido na plenitude do seu Reino.

O facto de muitos responderem afirmativamente ao chamamento divino para se configurarem a Jesus Cristo, Bom Pastor, constitui um sinal eloquente da sua presença viva e operante na Igreja. Com efeito, ao longo da história eclesial, assumindo formas diversas, Cristo nunca deixou de suscitar pastores para o cuidado do seu povo, garantindo assim a continuidade da sua ação salvífica.

Todavia, para a edificação do Corpo eclesial e para a salvação do mundo, Cristo não chama apenas alguns ao ministério sacerdotal e pastoral. Na riqueza da economia das vocações, Ele convoca alguns a configurarem-se a Cristo Servo, outros a testemunharem Cristo no despojamento radical de si mesmos na vida religiosa, e todos a tornarem-se presença sua no mundo, como luz e sal, segundo a vocação própria de cada batizado.

Deste modo, todo o ser humano é, de alguma forma, chamado a participar no Reino de Deus. No contexto deste Dia Mundial das Vocações, a Igreja eleva a sua súplica ao Senhor da messe, para que conceda a cada pessoa a graça de discernir e acolher, com liberdade e generosidade, a vocação que lhe foi confiada.

Com efeito, a realização plena da pessoa humana encontra-se intimamente ligada à descoberta e à vivência fiel da própria vocação, na qual se manifesta o desígnio de Deus e se alcança a verdadeira felicidade.

Contemplando Jesus Cristo como Pastor e Porta, somos convidados a reconhecer a sua presença viva que continua a chamar, a conduzir e a enviar. Acolher este chamamento, cada um segundo a própria vocação, é entrar no dinamismo do seu amor redentor e colaborar na edificação da Igreja e na salvação do mundo. Que, sustentados pela graça, saibamos responder com generosidade e confiança, certos de que é na fidelidade à vocação recebida que encontramos a plenitude da vida.

Ámen.

P. Emanuel Brandão